

o amor  
está no  
quarto  
ao lado

Li Mendi

**outrasletras**  
*e d i t o r a*

## Sumário

Juramento de sangue .....	9
Tirada da cama à força .....	13
Insondável coração .....	17
Fuga .....	24
Salva-vidas .....	29
Deixando tudo para trás .....	34
Uma nova vida .....	38
Tudo diferente .....	40
Brilho próprio .....	45
Penetras, fora! .....	48
Nua .....	53
Delírios de uma tarde quente de compras .....	55
Uma coisa acontece entre nós .....	60
Só gato .....	65
Paralisa com seu olhar .....	72
Invasão de território .....	76
Eclipse de mulher .....	78
Só vivo pensando em você .....	84
Em apuros .....	94
Um amor heroico .....	95
Vítima dos seus rituais .....	101
Olhe nos meus olhos .....	103
Um guerreiro descansa .....	105
Entre o amor e a paixão .....	106
Decepção .....	108
Encontros e desencontros .....	109
Tão próximos e tão distantes .....	116
Guerra declarada .....	119
Sem razão, em suas mãos .....	123

Passado e presente se fundem .....	126
Não se pode fugir do amor .....	129
Sem voz .....	134
Convidado VIP .....	137
Códigos .....	142
Eu quero você de volta .....	145
Enquanto você dormia .....	154
Recomeçar a amar .....	159
Tente relaxar .....	165
Não pegue pesado .....	169
Novo roteiro .....	172
Uma festa para não esquecer .....	175
De volta à vida .....	179
Sem permissão .....	182
A caminho da luz .....	185
Era um sol em minha vida .....	187
Epílogo .....	188

## Juramento de sangue

Jenny era a flor que nunca tive em casa porque flores precisam ser amadas. Elas murcham sem explicação, perdem a seda, o brilho e se enrugam, opacas. Para sua curta sobrevivência esplêndida, necessitam de água em uma precisão saudável. Eu era tudo, menos preparado para ter uma flor. Ela, no entanto, me apareceu como encomenda dada por um entregador que não quer muito assunto, estende a mão, oferece o embrulho, cumpre seu trabalho e segue seu caminho.

Jenny tinha um jeito de me atear fogo aos olhos quando eu punha os meus sobre as ondas de seu corpo exuberante, fruta carnuda que balança faceira no pé, prontinha para cair, mas, de maldade, não cai. E quem terá coragem de enfrentar a altura da árvore para roubá-la?

Jenny era um anjo e eu não queria ser julgado como monstro por não ter impedido que lhe fizessem qualquer mal. Mas havia um desejo em mim que não tinha como evitar; eu até tentei, em vão, afastá-la das obsessões do meu coração.

De um homem de trinta e poucos anos se espera um casamento, um filho, uma casa, um carro. Mas, quando conheci Jenny, quis virar-me de costas para o futuro, andar para o meu passado e só parar na mesma idade que a dela, naquele ponto em que não seria discrepante amá-la.

Ela era Jenny, com toda ênfase no “nny”, quando eu gritava para que viesse comer a pizza que chegara. Ou Jenny, com maior prolon-gação no “Je”, quando eu tentava alertá-la sobre alguma coisa errada. A pronúncia certa se encontrava fora do português (“Djêni”), como era fora do normal essas esquisitices de minha cabeça de estudá-la com primor de um matemático e não ter o que fazer com as fórmulas. Eu a queria fora dos planos, palpável, geometria espacial. Ela podia ser quântica, transformando sua energia em matéria.

Eu lhe fazia qualquer observação sobre a cor de leite de sua pele e ela não pensava duas vezes em me surpreender quando aparecia tostada de sol só para me irritar, talvez. Eu apenas acompanhava suas transformações, no rabo de olho, no canto, na brecha, na fresta imperceptível que abrem os bons observadores.

Sempre lhe pedia para baixar o som da sua música eletrônica quando precisava ler e Jenny me explicava que aquela batida não podia ser ouvida no volume que eu queria, pois precisava vibrar em seu corpo. Eu corria dela, não querendo saber qualquer detalhe, pois era no meu corpo que começavam os efeitos da imaginação de suas pernas e braços oscilando no espaço. Eu me espichava na rede da varanda para ler, era mais seguro assim, naquela distância. Mas, para entenderem o meu grau de loucura por essa garota, como única testemunha do desabrochar de cada pétala, preciso voltar ao dia em que me deram Jenny em confiança.

– Capitão, capitão! – veio à porta da minha sala um soldado com voz de alarde. Os novos sempre se preocupam demais. Desencostei a ponta da caneta do papel e levantei os olhos. Ele engoliu em seco, entendendo pela minha expressão de impaciência que esperava ouvir uma notícia realmente importante.

– O que houve? – perguntei, voltando a assinar a folha e a colocando sobre a pilha ao lado.

– O sargento Almeida Souza... – interrompeu por um segundo a mensagem e eu tive de olhá-lo novamente em expectativa. Seu temor escondia um desfecho terrível. – ...Ele levou um tiro!

Meu corpo reagiu como que num impulso e, ao som da última palavra, eu já tinha afastado a cadeira ruidosamente. Foi preciso que corresse atrás de mim, contando os detalhes, pois eu queria chegar ao ferido o mais rápido possível. “Droga”, praguejei baixinho. Meus planos de sair na hora certa para tomar uma cerveja gelada com os amigos já tinham ido por água abaixo.

Encontrei o sargento Souza ensanguentado no chão. Era um

dos meus melhores homens. Sua honestidade e dedicação ao trabalho eram reconhecidas pelo grupo. Tinha cerca de quarenta e cinco anos, moreno, estatura mediana e muito forte. Uma perda como essa abalava todo mundo. E eu tinha, ainda, uma grande e silenciosa dívida com o Souza.

Na adolescência, eu havia namorado sua ex-esposa, Elisa, e, há alguns anos, tive uma recaída, quando eles ainda estavam juntos. Eu não sabia de sua ligação com Souza, quando viera me procurar. Ele não merecia esse desgosto. Nem eu queria provocar um escândalo. Deixei a história morrer e afastei-me de Elisa de uma vez por todas. Não iria cutucar um vespeiro.

Mas, agora, vendo-o apertar o furo em seu ventre, como se fosse possível fechar a mina de onde jorrava todo aquele sangue, eu sentia uma leve culpa por carregar esse segredo.

No caminho, o soldado tentou me explicar que por acidente a arma de um dos homens disparara. Mas, armas não disparam à toa, pois possuem mecanismos de segurança para isso! Quis gritar para aquele irresponsável. Afastei os curiosos com a minha presença e ajoelhei-me no chão.

– Capitão, eu tenho uma filha – contou o pobre homem, se agarrando a minha mão, me sujando de sangue. Ele já não tinha esperança de sair dessa.

– Eu sei... Calma! – olhei ao redor para achar o meu tenente de confiança e passar-lhe as instruções.

– Capitão, eu tenho uma filha! – agonizando, repetiu a mensagem, querendo me fazer prestar atenção neste detalhe. Por que eu estava sendo tão egoísta me preocupando com o trabalho que me daria aquele inquérito militar, o assédio dos jornais, a fúria dos superiores, quando o mundo parava de girar devagar e dava o último suspiro a Souza? Era como se todos os sons se tornassem ocos e abafados, minha voz um som agudo e estranho.

– Chamem um médico, rápido! – ordenei, sem querer me dei-

xar vencer, como se fosse eu alguém com um poder sobrenatural para interromper o relógio da vida, parando de girar seu ponteiro.

– Capitão, a minha filha... – disse pela terceira vez e entendi pela sua voz falha que não daria tempo do médico chegar.

Fiz sinal com a mão para que todos parassem de tentar me explicar o que tinha acontecido e voltei meu rosto para baixo.

– Ela é a coisa mais importante do mundo. Cuida dela...

Engoli em seco. Você pode até aprender a matar o inimigo e conviver com a morte. Mas ninguém está preparado para perder um dos homens da própria tropa.

– Eu preciso ter a certeza de que você vai cuidar dela. Você vai cuidar da minha Jenny...? – deu-me pouco tempo de resposta. Mas só me restava atender àquele último pedido.

– Vou, vou cuidar dela... – fiz a promessa que ele queria ouvir.

– Tem que ser um juramento, você... – seus olhos se arregalaram, quase pulando das órbitas, como se me visse vestido de anjo salvador do outro lado do mundo que estava prestes a deixar agora.

– Eu juro – respondi rapidamente.

Souza se foi, deixando em minhas mãos o seu sangue e em meus lábios o juramento que mudaria a minha vida. Eu jurei cuidar de sua Jenny, minha Jenny.

O que eu estava prometendo? Ninguém me daria uma medalha de honra ao mérito por uma adoção instantânea de uma garota criada?! Eu nem ao menos o conhecia direito para fazer um voto de cuidado eterno irresponsável como aquele. Era evidente que eu não tinha qualquer preparo para cuidar nem de um cacto que só precisasse de água uma vez por semana!